

# Boletim Gaúcho de Geografia

<http://seer.ufrgs.br/bgg>

---

**SOCIOLOGIA DA GEOGRAFIA OU DOS GEÓGRAFOS?**

*Gervásio Rodrigo Neves*

*Boletim Gaúcho de Geografia, 20: 152-153, dez., 1995.*

Versão online disponível em:

<http://seer.ufrgs.br/bgg/article/view/38201/24583>

---

Publicado por

**Associação dos Geógrafos Brasileiros**

---



**Portal de Periódicos**  
**UFRGS**

UNIVERSIDADE FEDERAL  
DO RIO GRANDE DO SUL

---

## Informações Adicionais

**Email:** [portoalegre@agb.org.br](mailto:portoalegre@agb.org.br)

**Políticas:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/editorialPolicies#openAccessPolicy>

**Submissão:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#onlineSubmissions>

**Diretrizes:** <http://seer.ufrgs.br/bgg/about/submissions#authorGuidelines>

---

Data de publicação - dez., 1995

Associação Brasileira de Geógrafos, Seção Porto Alegre, Porto Alegre, RS, Brasil

## SOCIOLOGIA DA GEOGRAFIA OU DOS GEÓGRAFOS?

Gervásio Rodrigo Neves \*

O encontro da Geografia com a Sociologia envolve duas linhas não excludentes: a da Geografia com as outras áreas do conhecimento; a da sociologia dos geógrafos, isto é, dos produtores e dos (re)produtores da Geografia. A primeira é relativamente simples, comporta-se bem no âmbito das discussões acadêmicas. A segunda é crítica. Emocionalmente pesada e socialmente desviante, pois afeta tabus e preconceitos. Envolve questões éticas, instituições e corporações. Seguir seu caminho é desnudar o papel de um determinado grupo de intelectuais na sociedade. Como observa FRÉDÉRIC GAUSSEN.

(...) um trabalho rigoroso em ciências sociais deve começar pelo único estudo que é cuidadosamente evitado: a sociologia dos próprios intelectuais. Esta pesquisa deverá fazer estragos, uma vez que revela muitos pequenos segredos. Ela 'entrega'. É por isso que adquire inevitavelmente um caráter polêmico. Nunca é bem visto revelar as leis internas da tribo. Importa situar os intelectuais em contextos sem laços, nem raízes, ou como classificador inclassificável o que é, de certa forma, a ideologia dos intelectuais (...) detentores de um capital cultural, uma fração (dominada) da classe dominante cujas tomadas de posição (...) se devem a ambigüidade de sua posição de dominados entre dominantes (...) que dão a impressão de dominar sua época e são muitas vezes dominados por ela. A sociologia dá "oportunidade de romper esse encanto, de denunciar a relação de possuidor-possuído que acorrenta o seu tempo àqueles que estão sempre em evidência, ao gosto da moda.

Esta dolorosa anatomia foi tentada pelo grupo do *Observatoire de la Géographie et des géographes*, dando origem à obra *Matériaux pour une sociologie de la Géographie*. Entre nós, no Brasil, pouco ou quase nada se fez – para não excluir trabalhos possivelmente realizados – sobre a origem e os comportamentos dos professores e geógrafos. É neste contexto que podemos colocar uma questão crítica do trabalho dos geógrafos e aqui englobo professores (licenciados) e dos geógrafos (bacharéis).

Vivemos num período crucial da *Idade dos Extremos*, na expressão de ERIC HOBSBAWN. A tradução é o acirramento da luta de classes num quadro de aumento da pobreza e da brutal concentração de renda, das modificações exacerbadas dos hábitos de consumo; da destruição ou enfraquecimento das instituições (até então consideradas sólidas); da liberação total e do enfraquecimento ou desprezo pelas utopias. É nesta *geléia geral* que hoje atuam os professores, num processo crescente de múltiplas metamorfoses, segundo o conceito de GILBERTO VELHO. Essas metamorfoses – necessariamente paradoxais – se fazem em diferentes meios sociais onde agem e atuam os professores.

De um lado os professores enfrentam (e o verbo é este) os alunos, que detêm um amplo capital social e o acesso às fontes de informações tecnológicas (possuem computadores conectados a redes, acoplados de CD-ROM); televisão a cabo; fácil acesso aos livros, revistas, videocassetes; possibilidades de viagens; de estudos complementares (línguas estrangeiras, por exemplo) e escolas organizadas, ou seja um grupo de alunos integrados no processo de preparação às tradicionais e novas funções do poder. No outro extremo, estão os grupos médios e pobres e, principalmente, os pobres que não têm

acesso ao mundo dos instrumentos e ferramentas tecnológicas (nem mesmo máquinas de escrever mecânicas ou calculadoras; absoluta impossibilidade de aquisição de livros (individualmente ou pelas escolas); sem ambiente familiar e habitacional para estudar, com todas as carências materiais e afetivas.

Situados entre esses dois extremos estão os professores – eles mesmos agrupados nesse domínio cinza da classe média – com sérias dificuldades nesse processo doloroso das múltiplas metamorfoses necessárias à sobrevivência ou à realização dos projetos individuais.

Compreender esses ambientes críticos, saber transitar nessas múltiplas fronteiras é o trabalho (ou o labor, na expressão de HANNA ARENDT) dos professores, representantes ou representações dos *grupos sociais médios* da sociedade.

O quadro exposto é suficiente para demonstrar a necessidade do (re)encontro com a Sociologia, da necessidade de fazer a sociologia da Geografia e dos geógrafos, criadores e disseminadores do fazer e do saber geográfico, especialmente em razão do seu trabalho que exige intensa metamorfose: dos conteúdos (natureza e sociedade), das escalas, das posições sociais, das estruturas de poder e, finalmente, porque é necessário atuar e agir em todas as fronteiras, das quais a mais conflitante é a da sua posição social.

Este é um início de discussão.

---

\* Professor no Departamento de Geografia da UFRGS.